

38

DEPOIMENTO JUNTO A POLICIA DE ALTAMIRA ( Estado do Pará)

O depoimento foi apresentado pelo Padre ÂNGELO PANSA, de nacionalidade Italiana, Sacerdote, portador da carteira de identidade de Estrangeiro Temporário n. RNE 0515224, expedida em Belém aos 27.12.1983, com pedido de prorrogação apresentado em Belém aos 22.10.1984, como do protocolo código 08360, n. 04605. Pertence à Prelazia do Xingu.

Acontecimentos anteriores: No mês de Novembro de 1984 foi apresentado por mim um relatório com a indicação dos moradores e posseiros que se encontram ao longo da beira dos rios Xingu, Iriri e Curuá, na Prefeitura de Altamira ( Estado do Pará). Neste relatório pedia-se às Autoridades competentes de tomarem providências quanto à documentação dos referidos moradores, em vista de evitar prováveis conflitos na região.

No dia 2 de Fevereiro de 1985, homens armados ( se dizendo da Polícia Federal) contratados pela firma BRASINOR que atua na região do rio Curuá, invadiram a propriedade do senhor João Lima, na localidade Cajueiro, atirando, ameaçando, levando pessoas presas e algemadas, danificando a propriedade alheia. Os acontecimentos foram relatados em depoimentos junto ao Delegado de Polícia de Altamira e junto ao Delegado Regional da FUNAI, dr. Salomão.

No dia 21 de Fevereiro de 1985, eu mesmo entreguei um relatório dos acontecimentos ao Delegado de Polícia de Altamira, à Sra. Juíza de Altamira, ao coronel Lima do 51 BIS em Altamira ( com pedido de transmitir cópia ao Quartel Geral em Marabá).

No dia 22 de Fevereiro de 1985 eu tive uma entrevista com o Delegado de Polícia em Altamira, na presença de dois funcionários da Polícia Federal. Na ocasião recebi do Delegado de Polícia de Altamira xerox dos depoimentos recebidos das vítimas da invasão no Cajueiro, com o pedido de entregá-los ao sr. Secretário de Segurança em Belém.

No dia 23 de Fevereiro de 1985 fui recebido pelo sr. Secretário de Segurança, em Belém, a quem expliquei os fatos e pedi que fossem tomadas providências. Recebi do sr. Secretário de Segurança umas orientações, a fim de melhor conhecer a situação. Na ocasião entreguei o meu relatório dos acontecimentos. Cópia do mesmo relatório encaminhei para o sr. Governador do Estado do Pará.

No dia 24 de Fevereiro de 1985 encaminhei, por portador, cópia do relatório dos acontecimentos para o SNI em Brasília.

No dia 25 de Fevereiro de 1985, encontrei-me com o dr. Salomão, Delegado Regional da Funai, que esteve na localidade de Cajueiro após os acontecimentos, acompanhado por dois funcionários da Polícia Federal e, parece, com a presença do coronel Jurandy. O dr. Salomão pediu para que as comunidades indígenas dos rios Curuá e Iriri não fossem envolvidas no conflito, apesar de serem solicitadas pelas vítimas da agressão, entre as quais encontram-se legítimos índios Chiripaia-Curuáia. Entreguei cópia do relatório ao dr. Salomão.

No mesmo dia encontrei-me com o sr. Superintendente da Polícia Federal em Belém, a quem entreguei o relatório e expliquei a situação da localidade Cajueiro.

Mais tarde, no mesmo dia, encontrei-me com o General Hélio Pacheco, Comandante da 8.a Região Militar em Belém, a quem entreguei o Relatório e expliquei a situação.

Sempre no dia 25 de Fevereiro de 1985 procurei obter informações à respeito da firma BRASINOR e das áreas e alvarás concedidos à mesma. Isso foi feito no NPM em Belém. Das informações obtidas resulta que a firma BRASINOR detem os alvarás de pesquisa mineral n. 81851332-81851333-83850024-83850026-83850027 na margem esquerda do rio Curuá, enquanto a área invadida seria coberta por alvarás de pesquisa n. 81850994 e 81850995 ao nome da firma ESPENG. Os alvarás são todos de pesquisa e não de lavra ( entretanto a firma BRASINOR já faz mais de ano estaria lavrando minério na área).

Acôntecimentos atuais: No dia 1.º de Março de 1985, embarquei num reboque que ia subir pelo rio Iriri, em vista de alcançar a localidade Cajueiro, no rio Curuá, e tomar conhecimento pessoalmente da situação. Desta viagem e da finalidade eu informei todas as Autoridades a quem tinha entregue o meu relatório.

No dia 8 de Março de 1985, às 12.00 horas, cheguei na localidade Cajueiro, onde encontrei 3 homens armados com rifles cal. 38 e revolveres cal. 38, em atitude ameaçadora. Por minha sorte encontrava-se em casa (de propriedade do senhor João Lima) a dona Maria de Lourdes, filha do dito senhor João Lima, e esposa do seu Germano. Dona Maria de Lourdes estava com suas duas crianças e mais uma moça. Dona Maria de Lourdes me convidou a entrar em casa e ali ficar, na espera da volta do marido, que se encontrava "caçando" no mato.

Pelas 16.00 horas chegaram, vindo da outra margem do rio Curuá onde se encontra o porto da firma BRASINOR, o seu Abdoral e o seu Souza. Também eles armados de rifles e de revolveres. De arma na mão entraram na casa onde me encontrava, com atitude agressiva e ameaçando-me. Ao que revidei dizendo para os dois que, logo da primeira oportunidade, iria dar parte contra eles junto à Autoridade competente. As acusações seriam de invasão a mão armada de propriedade alheia, agressão e ameaças, sempre a mão armada. Ademais, acusação de roubo a mão armada, pois eles fazem parte dos garimpeiros que estão extraíndo minério no garimpo de família que pertence ao senhor João Lima, e que a firma BRASINOR invadiu e ocupou desde o dia 2 de Fevereiro de 1985.

Às 17.00 horas chegou o seu Germano, armado de espingarda e revolver. Às 17.30 horas chegaram 5 homens vindos do garimpo (3 espingardas e 1 revolver). Logo mais, juntamente com os 3 guardas e ajudados pelo seu Germano (que utilizou na ocasião o barco e o rabudo do sr. João Lima), os 5 homens passaram na outra margem do rio Curuá.

No dia 9 de Março de 1985, pelas 9.00 horas, o seu Germano, com a esposa, os filhos e a moça que está com eles, saiu de barco para levar a família no Entre Rios, pois estava com medo de algo acontecer na localidade do Cajueiro, quando da chegada da Polícia ou dos grupos de Índios do alto Curuá.

Às 11.00 horas, enquanto me encontro sozinho na localidade Cajueiro, chegaram do garimpo 5 homens sem armas, procurando uma embarcação a fim de alcançar a outra margem do rio. Avisados por mim que não havia embarcação e que o seu Germano tinha fugido para Entre Rios, os 5 homens regressaram às pressas para o garimpo.

Às 11.30 horas, vindos do outra margem do rio Curuá, chegaram o seu Oscar gerente da firma BRASINOR, acompanhado por 3 homens armados. Ao todo, eles tinham 3 rifles e 4 revolveres cal. 38. Chegaram em atitude agressiva e ameaçadora, de armas na mão, querendo me interrogar e, talvez, me prender ou me matar. As afirmações mais graves que eles fizeram estão contidas em relatório anexo, juntamente com as perguntas que eu mesmo apresentei para eles e que não foram respondidas, a não ser em parte. O seu Oscar com seus 3 homens armados regressaram para outra margem às 12.30 horas.

Às 14.00 horas chegaram do garimpo todos que lá se encontravam: 2 "guardas", 1 mulher, 1 moça (mulher do Abdoral), 1 menino, e 10 homens. As armas que eles tinham consistiam em 4 rifles, 6 revolveres.

Às 14.30 horas chega o barco da outra margem do rio Curuá, e, aos poucos, todos embarcam levando consigo os pertences que tinham no garimpo.

Às 15.30 horas tenho a certeza de estar sozinho nesta margem direita do rio Curuá na localidade Cajueiro.

Às 17.30 horas, subindo o rio Curuá, passa a lancha denominada "Ferrão" de propriedade do sr. Sebastião Milico, com carregamento de óleo diesel para a firma BRASINOR. A meu pedido, o piloto enconsta frente à casa do sr. João Lima. Parece-me que o nome do piloto seja Isaac. Falei com ele e com os tripulantes, avisando-os do perigo que estou correndo ficando sozinho na localidade. Pedi para eles de prestar atenção se alguém fosse sair do porto da firma à noite, pois provavelmente seriam os meus assassinos, se algo tivesse que me acontecer. Pedi ainda que, regressando em Altamira, fossem avisar o Bispo e os Padres da situação de perigo em que me encontrava.



As 17.45 horas, vindo do Norte, passa bem em frente ao Cajueiro um avião, em voo rasante. Ao sinal que eu faço da beira, onde estou de pé, o piloto do avião balança as asas, em sinal de reconhecimento.

As 18.15 horas, em marcha lenta e vindo do alto do rio Curuá, chegou a voadeira da firma BRASINOR com 3 homens armados de revólveres cal. 38. A atitude dels era muito agressiva e ameaçadora, de armas na mão, vindo se postar um na minha frente na distância de aproximadamente 2 metros, outro ao meu lado direito, sempre na mesma distância e o terceiro permanecendo na voadeira. Considerei o fato de eles ter vindo e a atitude deles, uma ameaça de morte a mão armada, pois tinha comunicado ao seu Oscar que não queria de maneira alguma homens armados vindo da outra margem do rio Curuá. Os 3 homens armados foram embora às 18.50 horas. As 18.55 horas, vindo da direção Sul-Este, chegou um avião, que foi aterrizar no campo de pouso da firma BRASINOR.

No dia 10 de Março de 1985, pelas 7.15 horas, chegaram, vindo do rio Curuá abaixo, da localidade Marco, o sr. José Lino com mais 4 homens armados, 2 rapazes e 1 mulher. Vieram tomar conhecimento daquilo que se passara comigo, sempre pensando que eu estava em grande perigo e talvez já tivesse sido preso e executado. Sendo Domingo, me convidaram para baixar com eles até suas moradas a fim de rezar a Missa e tomar uma refeição.

As 7.30 horas embarco com eles e vamos para a localidade Marco. Na viagem encontramos onde mora o senhor Braz, na margem esquerda; este está sozinho e é morador de antiga data.

As 9.30 horas chegamos na localidade Marco, e logo mais chegou o reboque do senhor Eloy, acompanhado pelo senhor Nazareno, morador da localidade Bem Bom, no rio Iriri. Foram eles que me trouxeram até Cajueiro, e, baixando, foram procurar para mim. Ficaram apavorados não me tendo encontrado. Mais ainda, quando estavam no porto da casa do sr. Joao Lima, chegou a voadeira da firma com 3 homens armados que olharam no reboque à minha procura, e em seguida procuraram ao redor da casa, manifestando surpresa e raiva em não me encontrar.

Sendo assim, após a Missa e um rápido almoço, pelas 12.00 horas, no reboque do sr. Eloy, viajamos para baixo, chegando na localidade de Entre Rios pelas 14.00 horas.

As 14.00 horas, um avião vindo do Sul, passa bem baixo em frente à Capela de São Sebastião no Entre Rios, com a evidente intenção de buscar algo ou alguém. Pereceu-me ser o avião da firma BRASINOR.

As 18.00 horas, vindo do alto Iriri, chegou o reboque "Gata Mansa" do senhor Maués. A ele entreguei o relato dos acontecimentos e o filme à revelar, para serem entregues ao Bispo ou outro Padre em Altamira. Nas chapas do filme deveriam constar os homens armados que encontrei nestes dias, os atos de desprezo e desrespeito para com as placas da Funai no Cajueiro, e mais atos criminosos perpetrados pelos homens da Brasinor.

Acontecimentos sucessivos: No dia 13 de Março de 1985, chegando na localidade de Entre Rios vindo da localidade Cachoeirinha no rio Iriri, fui informado pela família do senhor José Nunes dos Santos (apelidado "Pernambuco"), e pela dona Maria, esposa do Luis Santarém, que a voadeira da firma chegou até aqui me procurando, tendo encontrado nas localidades do rio Curuá acima (a ser na localidade São Geraldo, Geraldo, Remanso e outras) sempre à minha procura. Os homens armados que estavam na voadeira andavam dizendo que vinham me prender e levar amarrado até à firma, para ser entregue às Autoridades. Isso porque eu tinha tratado eles de bandidos e terroristas.

No dia 14 de Março, aconselhado pelos senhores José Nunes e Sebastião Nogueira, a fim de não por em perigo suas famílias no caso de homens armados da firma Brasinor voltar para me prender, viajei rio Iriri abaixo, rumo à Altamira, onde cheguei no dia 18 de Março às 17.45 horas.

Entreguei este depoimento ao sr. Delegado de Polícia de Altamira; à sr. Juíza de Altamira e ao sr. Delegado de Polícia de Lima de 19 de Março, pela manhã.

Altamira, 19 de Março de 1985.